

CAMINHANDO SOBRE AS MINHAS BOTAS

Um relato autobiográfico

Mário Ferreira dos Santos

Músico profissional a quem a Pandemia do COVID

19

abocanhou os calcanhares de uma forma

avassaladora

Nota introdutória

Devido à pandemia e aos confinamentos neste ano de 2020, gerou-se um turbilhão de emoções no meu interior profundo, uma enorme impotência ante a injustiça e o medo de um futuro mais do que incerto.

Em resultado desse autêntico *tsunami*, o efeito mais directo foi o acabar por descobrir um novo caminho, que afinal já não é assim tão novo, que possa ajudar a libertar-me da dependência da falta de apoio aos músicos e artistas deste país, todos aqueles que já eram pobres, e que agora todavia estão ainda mais pobres. Tudo graças a um impulso quase casual. Foi assim que decidi mostrar ao mundo a pouco convencional, e turbulenta vida que me tocou viver, relatada de uma forma suficientemente transgressora, curiosa, simples, e muito directa. Sim porque escrevo como falo, e, quando falo, faço-o sempre de forma honesta e de maneira a fazer-me entender, sem preconceitos, arrependimento e dispensando o politicamente correto.

São quarenta anos de histórias, algumas felizes, outras menos felizes, que se foram acumulando na incontrolável vontade de contar a verdade. Talvez como um acto tardio de redenção, ou mesmo um pedido de desculpas ao Karma, por erros graves no passado que me fizeram pagar sempre cara a factura. Pelo meio e injustamente muita gente má ficou

incólume perante essa mesma justiça, que a mim me olhou bem de frente nos olhos.

É assim que, crónica a crónica, contarei tudo aquilo que esses mesmos olhos viram, e o coração sentiu, com dedicação e numa denúncia real. Um manifesto baseado no meu diário pessoal e nas notas que escrevo desde 1997 (talvez mais, mas pelo menos só as guardo desde esse ano).

Nunca na minha vida pude ser tão transparente e verdadeiro como o tenho feito nas últimas semanas. Estou a partilhar convosco o meu lado mais puro, mais honesto e mais verdadeiro. Como um puto “livro aberto”, o mesmo sobre quem há anos sonho escrever, e a quem a pouco a pouco vocês têm vindo a convencer a fazê-lo.

Pois bem, os primeiros passos já foram dados, estou a tratar de melhorar as minhas condições de trabalho, também graças a vocês, e, desde hoje, as crónicas CAMINHANDO SOBRE AS MINHAS BOTAS, passaram a estar registadas como conto literário na Sociedade Portuguesa de Autores.

A partir de agora, estabeleci um prazo até Março/Abril para ter na mão um manuscrito completo, embora com uma cronologia meio disfuncional, mas sempre com um sentido directo e justo.

Assim, vou continuar a contar convosco para que me acompanhem nesta viagem, que penso ser a viagem da minha vida, ao iniciar o início da terceira parte da minha existência. Preciso de vocês como leitores a devorarem as minhas palavras e a transmitirem-me a mesma confiança e motivação que me têm passado até aqui. Tanto com as contribuições económicas, como com todas as mensagens e comentários que tenho recebido em cascata nestes últimos quinze dias da minha nova vida.

Para terminar o discurso, deixo aqui dito que, seja em que situação a for, me nego e negar-me-ei sempre a baixar os braços. Julgo que já deu para perceber que quando o fizer morro. E eu, apesar das circunstâncias em que a vivi, amo a vida e tenho orgulho em estar vivo.

Entretanto, vou sobrevivendo com ajudas em géneros e dinheiro que, tanto os meus amigos como ilustres desconhecidos, têm feito chegar à conta Joaquim Duarte Sousa Coutinho (meu amigo do peito) com o NIB: 0010 0000 3594 6600 0015 8, uma vez que a minha própria conta há muito vem absorvendo o que lá possa cair. Também tenho vindo a vender alguns bens pessoais, nomeadamente discos em vinil, de que me tem custado muito a separar. Mas, o que fazer se preciso de comer e as contas dos bens essenciais para pagar não param de chegar?

CAMINHANDO NAS MINHAS BOTAS

Capítulo I

1

Foi no dia em que fiz catorze anos. Abril de 1980. Saía do liceu, depois de uma manhã de aulas no oitavo ano, na Amadora, onde cresci, com um grupo de amigos habituais naquela época. A senhora, que estava junto a um Mini *Clubman* à porta do liceu, chamou pelo meu nome. Recordo que, ao olhar para ela, apesar de saber que não a conhecia, algo me impulsou a caminhar na sua direcção. Era tão forte o que sentia, que só podia conhecer aquela mulher de toda a vida, de certeza. Foi mesmo isso que senti e me impactou para sempre.

Era uma senhora muito bonita, de cabelo muito curto, escuro. Rondaria os trinta e poucos anos, simpática, e com uma forma muito doce de falar, num semblante de profunda tristeza. Perguntou directamente: "Márinho, sabes quem sou?".

Não pude responder, fiquei confuso durante uns segundos, porque toda a cena tinha ar de parecer um engano, um casual equívoco. Fiquei em silêncio. Sem dar muito tempo a que a situação se tornasse demasiado bizarra, ela disse, pela primeira vez com um lindo sorriso na cara, "sou a tua mãe. Sim meu filho, tu não sabes mas eu sou a tua mãe!"

Não tive medo, nem sentia demasiado surpreendido. Afinal, aquela senhora que tinha diante de mim era um autêntico espelho onde eu me reflectia perfeitamente.

Lembro-me de uma situação, na segunda classe, aos sete anos, quando, durante o jantar, perguntei ao meu pai: "Por que é que todos os meninos da minha escola têm os mesmos apelidos dos pais, e os meus não coincidem com os da minha mãe?" E também me lembro bem da forma como o casal se olhou entre si. Foi como quando alguém tocava

num tema tabu entre as famílias e se faziam silêncios pesados na sala. Naqueles tempos como hoje.

Com cara de alguém que sabia que algum dia essa pergunta inevitavelmente tinha que sair, então contaram-me uma história que me pareceu verosímil. A minha verdadeira mãe falecera ao dar-me à luz, e como pouco tempo depois o paizinho – disseram, mais ou menos combinados um com ao outro – conheceu a Maria de Lourdes e juntaram-se. Foi ela mesma quem decidiu criar-me, educar-me à maneira dela, amando-me e cuidando-me como faria a minha mãe verdadeira. Assim, sempre eu chamei mãe àquela mulher porque nunca conhecera a outra. Pelo meio, o meu pai exaltou as inatacáveis qualidades como ser humano da companheira, por não me deixar "por aí abandonado", criando-me como se me tivesse parido.

Mas, na realidade, não me pariu. Outro pariu que não eu. No ano seguinte ficou grávida do seu próprio filho, e nove meses mais tarde nasceu o meu irmão mais novo, Miguel Ângelo. (Não alterei os nomes porque não lhes tenho qualquer respeito. O mundo deve conhecê-los a todos bem e saber das atrocidades que cometaram. Tanto naquela época, como mais tarde. Com oito anos, senti bem na pele a reviravolta que a minha vida levou naquela altura. A relação entre nós, se até ai podia considerar-se razoável, inverteu-se, pois agora existia um filho de sangue, e um enteado, mais ou menos um bastardo. Os anos seguintes passaram a ser de vexames constantes e humilhações).

Por isso, quando aquela senhora baixinha, à porta do meu liceu, disse que era a minha mãe, eu acreditei de imediato, não tive qualquer dúvida. Mas faltava-me entender porque é que me disseram que ela tinha morrido.

Convidou-me a ir com ela à pastelaria ali ao lado lanchar, para me contar, por alto, algumas coisas que eu precisava de saber; entre elas, que tinha dois irmãos, uma irmã com quinze anos e um irmão com dezassete, sendo eu o mais novo daquela fornada.

Imaginem o meu espanto, tinha um irmão adolescente, três anos mais velho, sem saber, e crescera sozinho até àquela idade. Contou-me ainda que o meu pai a abandonara, a ela e aos três filhos pequenos, para se juntar com a tal Maria de Lourdes, que, em princípio, não podia ter filhos. Então, o meu pai engendrara um plano diabólico para me sequestrar...

(Termina aqui o episódio de hoje. Não queiram perder o de amanhã. Tinha prometido acção, emoção, e surpresas que não vos iriam deixar dormir.

Na verdade foi a primeira vez, que, publicamente, falei deste caso insólito da minha vida. E foi como se um enorme pedregulho me tivesse caído das costas, aliviando-me. Não imaginava o quanto iria ser importante para mim fazer isto.

Pelo que acabo de contar, já podem imaginar o inferno em que tornei a vida de todos, depois de saber o que soube. E vocês, o que fariam perante uma situação destas?)

2

A minha mãe era uma pessoa pobre e simples, que veio da aldeia (ali dos lados de Tondela, onde afinal estão as minhas raízes), ainda muito nova, trabalhar para a grande cidade, Lisboa. Foi lavar escadas e limpar os bares de alterne do Cais do Sodré. Tinha dezasseis anos quando conheceu

o meu pai, que tinha a alcunha de "Ratinho", de Renato, e era socialmente conhecido no bairro como um "chulinho" barato, com o seu Ford Capri, camisa aberta para poder mostrar bem o cordão de ouro ao peito. As mulheres achavam-no fisicamente atraente, um "bonitão" muito disputado pela popularização feminina da zona de ataque.

Este homem, cujo perfil acabo de traçar, supostamente, apaixonou-se pela minha mãe, que efectivamente era dona de uma beleza rara, e, num ápice, fez-lhe três filhos, eu e os meus tais irmãos que eu não conhecia. Mas pouco durou a paixão, visto que a abandonou tinha ela dezanove anos. A minha mãe não tinha uma boa situação económica, nem experiência para, sozinha, criar três crianças. Então os meus avós maternos tinham vindo da aldeia para Lisboa, compraram uma casa em Odivelas para podermos lá viver todos. A minha mãe, nessa mesma altura, conseguiu um contrato de trabalho para ir durante dois anos para Angola, (por aquela época ainda colónia portuguesa). O meu pai, com ares de "bom samaritano", nessa altura aproveitou para me levar com ele, a fim de, supostamente, facilitar a vida à minha mãe. Impôs, contudo, desde logo a condição de que ela jamais se poderia aproximar de mim, devendo agir como se, efectivamente, tivesse morrido ao dar-me à luz. Ela teve sempre um medo terrível dele, como se ele fosse o próprio Satanás em pessoa. Mas, agora, por eu já ter catorze anos, ter consciência formada e já poder pensar pela minha própria cabeça, ela resolvera dar aquele passo de me procurar.

Aquele lanche na pastelaria acabou por ser um dos momentos mais reveladores de toda a minha vida. Quis saber tudo, tive a curiosidade, mais do que justificada, de querer saber de tudo o que me esconderam. E, por cada ano em que vivi enganado, creio que ganhei dez

de imensa raiva, um ódio incontrolável por todas as injustiças cometidas sobre mim sem eu conseguir encontrar uma justificação para tal.

O problema seria agora ter de voltar a casa e actuar como se nada se tivesse passado naquela tarde do meu aniversário em Abril. Eles ainda não sabiam que eu já sabia de toda a verdade, e eu, se queria manter aquela relação secreta com a minha mãe e conhecer os meus irmãos, tinha de guardar sigilo absoluto. Mesmo que tivesse havido momentos em que me imaginava com um enorme cutelo de cozinha a retalhá-los na cama, durante a noite e enquanto dormiam. Um golpe por cada bofetada, murro, pontapé, as tareias de cinturão com a fivela, com o cabo de madeira da vassoura até partir, todos os castigos que tive de suportar, as humilhações, o retirar do troço de carne mais tenra do meu prato para dar ao outro, o "legítimo", ou pelos míseros quinhentos escudos que me davam no Natal quando todos os outros recebiam mil.

Pensamentos tão macabros eram o resultado de todos aqueles momentos de injustiça, angústia e impotência, que, apesar de tudo, não fizeram de mim um criminoso cruel e sanguinário, mas, que, sem dúvida, moldaram grande parte do meu carácter.

Desde aquele dia, desejei que chegasse depressa a maioridade, os meus dezoito anos, para poder adquirir a minha própria independência, sair daquela casa para sempre e seguir o meu caminho o mais longe possível daquelas pessoas, que, definitivamente, já não reconhecia como família.

Os três anos seguintes foram um autêntico Inferno na Terra. O respeito por eles era cada vez mais escasso, e, conforme ia crescendo, ia perdendo o medo. Até este ser quase inexistente. Com dezassete anos, já

era mais alto e mais forte que o meu pai, e ele, cada vez mais, tinha dificuldade em pôr-me as mãos em cima.

Até que um dia o inevitável aconteceu, um enorme confronto. E, depois de uma cena de pancadaria na cozinha, que mais parecia um arraial de porrada num bar de irlandeses, com copos e cadeiras a voar, fui por fim "convidado" a sair, a abandonar aquela maldita casa que, a cada dia que passava, mais me envenenava o sangue e a vida.

Como ainda era menor, fi-lo prometer que não me denunciaria ou avisaria a polícia, enquanto metia umas peças de roupa numa mochila, (as verdadeiras companheiras da minha vida), separava alguns discos em vinil, e guardava a minha prancha de surf no saco. Tinha mil e quinhentos escudos no bolso, e ela, a Maria de Lourdes, veio com mais três mil que me passou para a mão de forma dissimulada para que o meu pai não se apercebesse.

Ainda hoje estou por saber se o fez para me ajudar, ou se para se assegurar que, com isso, me poderia manter por mais tempo longe da sua porta.

As últimas palavras do meu pai, antes de eu sair, foi para dizer que se saía “por aquela porta”, que tivesse na consciência que ali não poderia voltar nunca mais. Ao que, obviamente e sem hesitar, acedi, (creio que ele não percebia que me estava a fazer um favor enorme).

Sem despedidas, abri a porta e saí. Era uma sexta-feira à noite do mês de Junho de 1983, estavam, o calor e o verão, a começar, pelo que que imediatamente me dirigi à Costa da Caparica, localidade pela qual sempre senti um amor especial, mais propriamente à Praia do CDS (clube dos surfistas).

3

Um dia, quando tinha 18 anos, um dos meus amigos surfistas da Caparica propôs-me irmos juntos até Torremolinos a fim de conseguirmos trabalho em bares e podermos ficar todo o verão. Assim que lhe dei crédito, lá fomos nós. A ideia dele era apanhar um *BUS* até Elvas, atravessar a fronteira a pé e seguir, desde Badajoz, à boleia até Sevilha por uma estrada que ele conhecia bem.

Correu tudo como planeado, e realmente nem foi difícil conseguir a tal boleia.

Só no caminho o meu amigalhaço me falou da verdadeira intenção da partida, que seria parar num quartel muito perto de Ronda a fim de fazermos testes de admissão para a Legião Espanhola. Falou-me do quanto bem ganhavam os legionários, e que, depois dos quatro anos obrigatórios de serviço nas Canárias, poderíamos voltar a Portugal com dinheiro suficiente para abrir um bar, um sonho de ambos.

E lá me vi eu num quartel, no meio da maior escumalha humana em que me poderia meter. A Legião é a alternativa para todos aqueles que têm problemas com a justiça dos seus países. Eles não perguntam quem somos ou o que devemos às nossas pátrias. Daí haver lá gente de Espanha, França, Marrocos e Argélia, entre outros países europeus e africanos. As inscrições eram gratuitas, e, a partir do momento da inscrição, passamos a ser responsabilidade e "propriedade" deles, tendo de permanecer no quartel durante dois dias a fim de efectuar os testes físicos, psicotécnicos, e médicos por último.

Acontece que eu fiquei aprovado em todos os exames e testes, mas o meu amigo (que se chamava Queiroga e que muitos da minha

geração conheceram bem, ali para os lados da Av. de Roma, em Lisboa), já apto em tudo, acabou por reprovar nos testes médicos devido a ter os pés chatos.

O que parecia estar no papo, acabou por ser um enorme problema. De modo que, depois de conversarmos para saber qual era a sua ideia sobre o assunto, o Queiroga disse-me para eu ficar e aproveitar a oportunidade. Ele seguiria viagem, a ver até onde o destino o levaria. Contudo, primeiro do que qualquer outra coisa, éramos amigos e eu sempre prezei uma amizade verdadeira, apesar de me ter enganado acerca dele, como soube depois. Assim, decidi não o deixar partir sozinho e abdiiquei do meu ingresso na Legião.

Quando fui transmitir a minha decisão aos superiores encarregados, estes não ficaram propriamente satisfeitos e tentaram dificultar a minha saída o máximo possível. Se queria ir embora, tinha que pagar uma multa de mil pesetas, naquela época, bastante dinheiro. E eu, que tinha no total umas mil e quinhentas pesetas no bolso, acabei por pagar a tal taxa de liberdade, e lá fomos de novo a pé e de mochilas às costas pelo mesmo caminho por onde tínhamos chegado no dia anterior. Conhecemos Ronda, um sítio no cimo de uma montanha na província de Málaga tão belo que jamais poderei esquecer. Atravessámos a cidade a pé, e lá conseguimos boleia até à Costa del Sol.

Chegámos a Torremolinos em pleno mês de Maio, e, como eu falava inglês, não foi difícil conseguir um trabalho num bar a servir copos. E, mal chegámos, o meu amigo arranjou por lá uma namorada, uma rapariga de Málaga. Nunca mais ouvi falar dele. Hoje não sei se é vivo ou não. O fiquei a saber foi que os nossos conceitos sobre a verdadeira amizade eram bastante diferentes.

Regressei a Lisboa em Outubro com algum dinheiro que ganhei, e consegui um dos meus primeiros trabalhos como DJ no Bairro Alto, onde, passado pouco tempo, conheci o Zé Pedro, e o Kalu dos Xutos, que vinham acompanhados de um tal Victor Silva, o dono de uma agência de management chamada Os Malucos da Pátria, onde acabei a trabalhar. Mas a isto voltarei noutra altura.

Capítulo II

4

No dia dezasseis de Janeiro de 1997, estava eu escondido numa pensão do bairro da Cordoaria, no Porto, apoiado pela dona, uma senhora idosa e tipicamente "tripeira", a quem contei a minha história de fugitivo à lei, e que rapidamente se tornou no meu anjo da guarda. O dia fatal seria a dezassete desse mesmo mês, quanto teria de me apresentar no tribunal a fim de ser julgado por um delito que, sim, tinha cometido.

Conhecedora das leis, a senhora, pensando como uma advogada de defesa e antecipando-se um pouco, aconselhou-me a não me apresentar, pelo simples facto de, dessa vez, haver fortes possibilidades de eu acabar por ficar a conhecer as instalações da penitenciária de Custóias, o que, naquela época, me deixava estarrecido de medo. Eu que nunca tinha sido detido, estava agarrado ao "cavalo" e tinha perspectivas de futuro muito negras pela frente.

Assim, naquela manhã do dia dezasseis, a prostituta com quem partilhava o meu quarto, uma das meninas da patroa (já nem os nomes delas recordo), aconselhou-me a imediata saída do país, a fim de evitar o dito julgamento e a iminente entrada no referido estabelecimento prisional para cumprir uma condenação resultante de várias causas

pendentes que já tinha acumuladas: pequenos furtos, apropriação indevida, falsificação, usurpação de identidade e invasão de propriedade, nomeadamente. E, como já era repetente em algumas das instâncias dos tribunais do Porto, não tinha dúvidas acerca do meu destino mais próximo.

Assim, aceitei as sugestões e a ajuda económica que me ofereceram, resultado de uma "vaquinha" que as meninas tinham feito entre si para eu poder apanhar um comboio em S. Bento com destino a "A Corunha", na Galiza Espanhola, na manhã do dia dezassete.

Faltando então à minha audiência em Tribunal, assim me tornei um *outsider*, um proscrito a monte procurado pela polícia, mesmo sem nunca ter chegado a ser um verdadeiro fora-da-lei de índole criminosa ou espírito delinquente. Estava totalmente possuído pela droga, que já não me dava tréguas, usurpando a minha personalidade e acabando por me afastar de todo o mundo conhecido ao longo de dez anos, como músico e profissional do mercado da música (Bimotor, de 90 a 94), ou como DJ de espaços sobejamente conhecidos na noite do Porto, com seis anos de residente no "Meia Cave", na Ribeira, as duas temporadas feitas na Praia Dos Ingleses, de verão, um incrível inverno num dos bares da discoteca Cais 447, bastante de moda naquela época, entre outros locais onde trabalhei dando a cara. Além do "Loco Moskito", ou do célebre "Griffons", bem como as constantes presenças nos palcos do Porto e do norte em geral. Primeiro com o grupo "Falecido Alves dos Reis", e posteriormente com os "ALUCINA EUGÉNIO", que, naquela altura, já estava praticamente parado e quase moribundo.

Motivado pelas minhas amigas, optei por apanhar aquele comboio. Elas, entretanto, com no intuito de que eu levasse a cabo uma

desintoxicação, também me convenceram a visitar algumas direcções que me facilitariam o ingresso numa instituição empenhada no combate à toxicodependência. Nomeadamente, centros gratuitos alicerçados em religiões específicas, que nos acolhiam em programas a "pêlo". Ou seja, sem qualquer tipo de acompanhamento médico, e com total proibição de qualquer tipo de medicação atenuante das monstruosas ressacas de que eu já era vítima há alguns anos. O acordo entre os toxicodependentes e essas instituições obrigava a permanecer lá pelo menos um período mínimo de seis meses e um máximo de oito.

5

No tempo de permanência na instituição em que vim a ingressar, teria de me encher de boa vontade e fazer uma série de sacrifícios, dedicando-me honestamente a uma cura que ajudasse a limpar a minha imagem há muito decadente. Depois, estando definitivamente limpo, talvez fosse possível regressar ao Porto e retomar, com dignidade, a minha carreira musical.

Tal como tinha prometido a algumas pessoas antes de partir, cumpri com a minha palavra, fui a um centro. E, ao longo de umas horas de viagem no comboio, através da janela, foi-me possível revisitar toda a minha vida desde que, catorze anos antes, abandonara a casa do meu pai até àquele momento. A solidão da vida que vivia na altura também não ajudava muito. O facto de ter sido obrigado a cortar com a família e com todos os meus amigos desmoralizava-me bastante. Provocava-me emoções horríveis e sentimentos de vergonha, repulsa e arrependimento. E, depois da viagem e já em pleno “tratamento”, a tudo isto juntavam-se o